

O PROLETÁRIO

Nº 60
Outubro de
2006

Uma Publicação mensal de Proletários Marxistas
Não aceitamos que a burguesia nos financie. Por isso se faz necessário a cobrança de R\$ 1,00
(um real) para o custeio da publicação do jornal.

O oportunismo da pequena burguesia "radical" do PSTU	01/03
Os resultados das eleições e o segundo turno para presidente	03
RESPOSTA AO CRI (Coletivo Revolucionário Internacionalista Francês)	03/05
BOLIVIA de Fração Leninista Trotskista (FLT)	05/06
RESOLUÇÃO 60/2006 IMPÕE TRABALHO AOS SÁBADOS	07
UMA BREVE ANÁLISE DA TESE 1 DA ARTICULAÇÃO SINDICAL/PT	08/10
COMO E PARA QUE CONSTRUIR UMA DIREÇÃO REVOLUCIO-	10
CAPITALISMO	11/13
VOTAR NULO CONTRA O CIRCO ELEITORAL! IMPULSIONAR A LU- TA DIRETA POR EMPREGO, SALÁRIO, HABITAÇÃO, SAÚDE. EDUCA- ÇÃO E TERRA!	13/14

Escreva para o Jornal *O Proletário*
Caixa Postal n.º 140 CEP 09910-970, Diadema, São Paulo

Venham para os cursinhos de Marxismo.
Informem-se!

Só com consciência de classe (construção de um Partido Revolucionário, com a tomada das fábricas e terras das mãos da burguesia, passando-as para as mãos dos trabalhadores, teremos os problemas do campo, moradia, emprego, salário e condições de vida resolvidos.

O oportunismo da pequena burguesia “radical” do PSTU

A natureza dos partidos políticos deve ser analisada pela trajetória de construção de seu programa.

O PSTU, ou melhor, antiga Convergência Socialista, uma das mais antigas correntes que se reivindicavam do Trotskismo no Brasil, inclusive por proposta de um de seus construtores, aderiu à construção do PT (Partido de programa poli-classista), na década de 70 ainda nos ditames da ditadura militar. Como uma das correntes mais bem estruturadas no “Marxismo” no momento, ao lado de o Trabalho que acabava de se organizar com o CORQUI e da DS.

Lógico que a decadência programática destas organizações brasileiras “Internacionalistas” se deve também ao longo e violento período da ditadura militar vivido no Brasil. Mas, deve-se também aos desvios programáticos no plano internacional das correntes que reivindicavam do Marxismo. A traição da Social Democracia por ocasião da primeira grande guerra imperialista (1914-1918), a entrada em sena do fenômeno do Stalinismo e é claro, das capitulações das seções da IV Internacional pós-assassinato de Trotski.

A convivência familiar e parentesco com o PT já estava contido o fenômeno de perda da independência de classe, pois, o programa reformista do PT não era contraposto com um de aspiração “revolucionário”. Não poderia ser, visto que, a política de frente popular faz parte da tática destes agrupamentos que reivindicam do marxismo. Especificamente sobre o PSTU (vide matéria do proletário 59). A frente de esquerda entre PSOL, PCB e PSTU em camuflagem com a mãe igreja, desmascara totalmente o PSTU e os propósitos a que veio o PSOL; sem necessidade de nos alongarmos no PCB de inspirações stalinista e de aliança com a “burguesia progressista”. Daí, então, da negação da construção dos organismos de base e independentes do proletariado para a confluência de uma frente eleitoral de esquerda é mera tática elevada à estratégia.

Da mesma forma que os partidos burgueses, a igreja e até a ultra-direita necessitam conter em seus programas de intervenção algumas reivindicações que dizem respeito aos direitos do proletariado, pois, sem o apoio destes e de toda a massa de assalariados, camponeses e trabalhadores pobres em geral, não conseguirão seus intentos de

poder e de administração do capital. O reformismo e – no caso do PSTU – o reformismo radical, necessita de justificar-se com seus chavões marxistas colocando como ponto de programa o que seu candidato a deputado por São Paulo defendeu por ocasião da última campanha eleitoral. – *“Especial para o Diário”- “Candidato a deputado estadual, o professor de geografia Edgard Fernandes Neto (PSTU-Santo André) tem sua plataforma de governo baseada na reestruturação da política econômica do país. Para ele, qualquer mudança a ser realizada na área de Saúde, Educação ou Segurança não tem como ser feita antes de romper com o pagamento da dívida interna e externa. ‘Sem a ruptura, não sobra dinheiro para investir nos setores produtivos para gerar produção, o que leva ao desemprego.’”* Dizem os reformistas que o fazem assim como forma de educação das massas e como tática pedagógica, pois se dissessem de outra forma estas não compreenderiam. Com estas manobras e enganação rotulam os defensores da luta anti-capitalista e da tática que a corresponde como sendo ultra-esquerdista, doutrinários e etc.

Também dizem uma série de asneiras diante da radicalização das massas ou mesmo para combater a organização independente desta e o movimento de massa com sua luta direta. Falam em nome da luta, se constroem em nome desta. Mas, de que luta? Por acaso temos na história brasileira algum exemplo de luta direta e enfrentamento sério organizado por esta corrente política? A luta para estes “revolucionários” são os abaixo assinados, os aerogramas, as caravanas pacíficas e a pressão parlamentar. Temos alguns casos de greves ou movimentos isolados também como acontece com os partidos burgueses, assim como também o faz as burocracias em categorias que dirigem a luta econômica.

As bandeiras e as reivindicações dos trabalhadores, estudantes e do movimento são tratadas como enfeites, tão somente. O compromisso com estas se trata de outro departamento. Participam de um determinado movimento organizado ou não por estes, conseguindo aparecer publicamente com suas camisetas e faixas, aí está a vitória do “movimento”. “Somos o movimento”; “estamos no movimento”; “somos uma coordenação das lutas”. O importante é se conseguimos legitimação de lutadores e se

conseguiremos organizar festas, muitas festas, para assim envolver a vanguarda de lutadores que se despontam no movimento. Não! A organização destes não pode ser muito rígida, uma espécie de clube de amigos, ou simpatizante é o bastante. Afinal, quem vai determinar a linha política será mesmo a cúpula

partidária com seu centralismo burocrático e os grandes intelectuais de “esquerda”, ou melhor, esquerdistas tão somente, por que: **pode-se estar à esquerda, contudo, daquele que está mais a direita.**

O PSTU E O MOVIMENTO ESTUDANTIL NA FSA

Por várias vezes esta corrente esteve a frente do Diretório Acadêmico dos estudantes Honestino Guimarães da FAFIL. A política desta corrente reformista e oportunista conseguiu uma façanha de estrema grandeza. O Diretório Acadêmico em início de 2005 estava tão desmoralizado que não servia para absolutamente nada. Com a política ultimata do PSTU e a partidarização do movimento acabou perdendo a direção do Diretório Acadêmico, assumindo uma direção pró-humanista e autonomista. O PSTU se limitava a fazer nada, pois só encaminham alguma atividade se for feita pelo comitê central da burocracia PSTU. Em 2005, com as lutas contra o fechamento de salas e curso se retoma a Direção do Diretório Acadêmico através de uma chapa negociada nos corredores, sem a participação do PSTU. Na discussão estatutária os estudantes conseguem dar um demarcador na organização do Diretório. Amarando a direção deste, e subordinado à organização de base (representação das classes e Assembléia Geral). Não é o ideal, mas, conseguiu impedir no final de 2005 a retomada do Diretório Acadêmico por uma corrente petista totalmente vendida e corrompida que tinha sido parte dos acordos de corredores. Algumas ações foram feitas neste ano. Em 2006 se discute extensivamente a formação de uma chapa (gestão coletiva). Há uma grande resistência entre os estudantes mais antigos, em aceitar o PSTU na chapa. Rompe se a barreira e se forma uma chapa de composição entre várias correntes de pensamento (Gestão Coletiva). Duas chapas se apresentam. Apesar de não ter alcançado o quorum estatutário na primeira votação entre as chapas, a votação em Gestão Coletiva que defendia a democracia operária, a priorização da luta Direta e o Ensino totalmente Público científico, laico e de qualidade, obteve uma votação expressiva que a chapa concorrente abandonou o pleito. Assim, em segunda votação a chapa Gestão Coletiva assumiu a direção do D.A. Uma luta para transformar o Diretório Acadêmico em um espaço dos estudantes, das suas reuniões e lutas. O Diretório Acadêmico começa a reconquistar seu espaço entre os estudantes. Este

ano foram já realizadas várias lutas contra a privatização total da FSA, contra o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) que aponta para a privatização e a precarização absoluta do ensino, introduzindo baseado na LDB a educação a distância no ensino superior. O Diretório Acadêmico apontou para a defesa do CUFSA totalmente público, gratuito e de qualidade. As lutas travadas estão colocando a possibilidade inclusive da formação de um DCE entre as três Faculdades do CUFSA. De novo o PSTU avança com sua política oportunista e aparelhista. A partidarização do Movimento tem levado um grande descontentamento entre os estudantes, tem inviabilizado uma mobilização, organização e da ampliação da luta por um CUFSA totalmente público, gratuito e de qualidade. O Partido se coloca por cima do Movimento, não no seu grau de importância histórica de inclusive de fortalecer o Movimento estudantil e de massa em todos os níveis. Mas sim, de aparelhá-lo e com isto, o boicote mesmo das lutas que não estejam nos marcos da construção partidária eleitoral do PSTU já aparece como um princípio. A luta aparelhista se mescla com o sectarismo e arrogância pequena burguesa. Caso esta corrente política não reveja seus equívocos de construção no movimento será de novo a destruição deste. Vale dizer ainda, que, os militantes estudantis desta corrente (estudantes da FSA) são constantemente teleguiados por direções profissionalizadas que acompanham e vão ditando par e passo as manobras e o que deve e não fazer os estudantes. Muita das vezes se apóiam mesmo no atraso e na falta de uma participação mais efetiva dos estudantes para proclamar nas “frentes de esquerda” suas manobras. Na caminhada até a Prefeitura de 28-09-2006 esta corrente relutou e relutou para que não houvesse a caminhada; no final acabaram por aderir sob a pressão e mesmo porque, caso não fossem, a caminhada aconteceria do mesmo jeito. No dia 09-10 em reunião com a mesma Prefeitura se aproveitando do cansaço da reunião e o adiantado da hora, fez o papel de retirar a continuidade da pressão por cima dos dirigentes Municipais e trazer de volta para o

Diretório. A luta pelo CUFSA totalmente público, gratuito e de qualidade vai além de uma ou duas correntes política, devemos ser capazes de romper o isolamento, o sectarismo e tornar esta bandeira como sendo uma bandeira do Movimento operário, estudantil e popular, ganhar as ruas. O método só pode ser o que aponta para priorizar a luta direta não desprezando outras intervenções, a democracia operária, exatamente como faz parte do programa da Gestão Coletiva. O não rompimento com a partidarização do movimento é romper a Gestão

Coletiva e a democracia operária, voltando assim ao ponto de início de 2005 em se tratando de Diretório Acadêmico.

- Viva a luta pelo Centro Universitário Fundação Santo André totalmente Público, gratuito e de qualidade;
- Abaixo o aparelhismo e o burocratismo;
- Abaixo o PDI e a Reforma Universitária, privatista, do Ensino a distância e precarizadora do Ensino.

Os resultados das eleições e o segundo turno para presidente

Podemos dizer que nestas eleições ficaram claros alguns conceitos que fazem parte das eleições burguesas.

Um primeiro que o poder econômico determina a vontade dos eleitores. E esta determinação depende de alguns requisitos, a saber: condições de disputar as eleições e ser vitorioso; confiabilidade e garantias da defesa pelo candidato dos interesses e das garantias burguesas e principalmente do interesse do grande capital (capital imperialista); garantias institucionais da ordem burguesa; e a garantia das condições de se aplicar as medidas do interesse do grande capital e hoje do capitalismo decadente, porém em superioridade ideológica e política como nunca.

A última garantia foi a que acabou pesando mais na balança para o imperialismo e da burguesia em não ter interesse em trocar o mandatário, o que parece que prevalecerá no segundo turno. Um dilema se colocou: a questão da corrupção e o controle do movimento operário, camponês e popular.

Antes de entrarmos na análise da polêmica, convém ressaltar que a questão da corrupção é inerente ao capitalismo, porém a corrupção deve ser de forma tal que mantenha as aparências e a governabilidade. A burguesia se dividiu entre um candidato que se posiciona pela "ética" e o que tem base no movimento operário, camponês e popular. Não restaram dúvidas! Mantemos o apoio ao candidato de nossa confiança que poderá implementar as reformas imperialistas com mais segurança. Fora isto, comparece também as forças dos acordos eleitorais e as divisões dos cargos na máquina ministerial e estatal.

Os números do primeiro turno apontaram para um índice de abstenção, votos nulos e brancos que se somados, no caso de presidente, a nível nacional, de: 25,16% do total, ou seja: 29.915.923 votos.

Vejam!	Eleitorado:	125.913.479
Eleitorado apurado:	125.912.656 (100,00%);	Abstenção: 21.092.511 (16,75%);
Votos:	104.820.145;	Votos válidos: 95.996.733 (91,58%);
Votos brancos:	2.866.205 (2,73%);	Votos nulos: 5.957.207 (5,68%).

RESPOSTA AO CRI (Coletivo Revolucionário Internacionalista Francês)

Partidos degenerados (por natureza inclusive) como PCB, PSTU e principalmente PSO-L constituem de fato *"paradoxalmente, um obstáculo sectário à construção de um verdadeiro Partido revolucionário de quadros capaz de organizar as massas com uma política anti-capitalista, pelos objetivos históricos do proletariado"* como bem citam vocês camaradas do CRI. Também é correta em grande maioria a

apreciação que vocês fazem sobre a tendência reformista e traiçoeira encarnada nos partidos e correntes constitutivos da Frente de Esquerda Classista do Brasil em 2006. Para nós, em sua essência, apenas mais uma Frente Popular de conciliação de classes que se posta. Mais um obstáculo para a emancipação operária no sentido da derrubada da burguesia e de sua ideologia.

Realmente, as consignas programáticas desta Frente, muito mais que os limites reformistas de seu “programa”, visam exclusivamente à governabilidade (pelas próprias palavras de Heloisa Helena, a candidata Principal desta frente) à custa do sacrifício das massas em prol da classe burguesa dominante em sua trajetória dilacerante, acobertada continuamente pelos seus agentes de esquerda nos marcos do reformismo pequeno-burguês.

Sob esta clareza que demonstram os companheiros em relação à condição brasileira, que é um exemplo de “neoliberalismo sustentável” no conjunto do globo, e da certeza da necessidade de uma política revolucionária calcada no marxismo para uma dúvida sobre qual é a tarefa dos comunistas revolucionários diante deste quadro. Todavia, ao contrário do que infelizmente vocês concluem, se adotarmos políticas e táticas nos marcos do marxismo, certamente não será correta a tarefa que propõem o CRI: a de compactuar com nossos algozes e suas vertentes da Frente Popular nas alienantes empreitadas eleitorais; muito aquém da necessidade de luta e organização dos trabalhadores que dita frente aborta invariavelmente.

No fundo esta conclusão deve-se ao fato da concepção que se têm sobre a própria prática revolucionária, do programa e da construção do partido. Se calcado no bolchevismo marxista ou no reformismo inconsistente moderno. Primeiro: cumpre lembrar que a prática de compactuar “taticamente” com os organismos pequeno-burgueses (e burgueses) como pleito revolucionário é praxe do próprio PSTU brasileiro, sob as prerrogativas de dialogar com as massas e construir sua alternativa ao capital aleijado da atuação concreta na luta de classes no âmbito marxista. Não por acaso companheiros, que vocês remetem a tarefa revolucionária imediata a compactuação com a Frente Popular brasileira ao invés de denunciá-los com o intuito de fragilizar o PT; assim como, admitem em seu texto que em 2002 a tarefa seria a de apoiar criticamente as candidaturas do PT (como fez o PSTU no 2º turno) – *“Nessas condições, e contrariamente a 2002, está fora de questão, para os comunistas revolucionários, de chamar o voto por Lula e PT mesmo criticando seu programa”*- ou apoiando partidos e políticas pequeno-burguesas e reformistas em seu respectivo país já a propósito do Comitê de Enlace.

Segundo: o combate ao PT como tarefa principal está vinculado ao combate as direções traidoras em geral no processo revolucionário e em nada tem em comum com o conluio com parte dessas direções, como com a própria Frente Popular de

Esquerda brasileira. A prerrogativa de unidade inescrupulosa para o combate urgente ao PT e PSDB é fala das correntes traidoras da esquerda que desviam todo o processo de luta especulando a importância do combate às reformas neoliberais em curso; de uma outra política econômica; contra a Alca; pela Reforma Agrária etc... etc...; quando de fato não empreendem absolutamente nada de concreto ao redor disso.

Há que se aclarar, diferente do que afirmam os companheiros, que a burguesia não se apresenta somente através de duas candidaturas (Lula-PT/Alckmin-PSDB), mas através do conjunto dos partidos e candidatos em geral e nenhum destes, inclusive a Frente Popular de Esquerda, está minimamente comprometido com as necessidades imediatas da classe trabalhadora, quanto mais com seus objetivos históricos revolucionários. Saiba-se que parte da própria militância do PSTU envergonha-se desta frente, totalmente politqueira, imobilista, pois que observam cada vez mais longe a retórica socialista que faz seu partido. Deve-se chamar a esta base de lutadores à desilusão nesta prática traidora e retrograda de sua direção não como proposto por vocês, pois justamente deve se dar através do rompimento com tais práticas e consignas. Mesmo o programa mínimo reformista empunhado por estes partidos pequeno-burgueses, que não difere em nada do PT e de outras vertentes da burguesia mundo afora, serve apenas de slogan publicitário que não é e não pode ser empreendido efetivamente por essas organizações na luta ao lado da massa. Logo, pois, não há nada de progressivo, pelo contrário.

Para nós, desde muito, a atitude revolucionária e concepção de programa e construção partidária não comporta nenhuma unidade com Frentes Populares, que somente abortam o processo revolucionário. Por isso nos reunimos em um Comitê do Voto Nulo Programático para empreender uma consistente frente de luta em ação direta anticapitalista, procurando organizar, denunciar e fortalecer o que há de realmente progressivo para a construção marxista.

Contudo, compreendendo o limite desta empreitada como outras mais, tal como descrito no Programa de Transição, para criar concretamente o vínculo da luta pelas necessidades imediatas e canalizar os esforços e a indignação operária ao seu lugar de direito: a luta anticapitalista pela construção do Partido Revolucionário Marxista Internacionalista. Não obstante, que o cerco asfíxiante da ideologia e repressão burguesa condiciona, por nossas debilidades em contrapor-nos internacionalmente e

radicalmente a ordem capitalista, ao recrudescimento das lutas e mobilizações do conjunto dos operários que, diferentemente dos países que atravessam terreno mais propício para a evolução revolucionária (salto-qualitativo). No Brasil ainda não é possível queimar as urnas e/ou boicotar o processo eleitoral da representação burguesa.

Logo, lamentamos a postura que ora expressam organizações que se reivindicam do

marxismo revolucionário, que em sua incompreensão das tarefas e métodos para a construção socialista acabam por fortalecer o cerco confusionista somando-se ao coro, em determinado grau, da institucionalidade do pleito revolucionário nos marcos do capital, legitimando os processos degenerativos no movimento operário.

BOLIVIA

Os trabalhadores revolucionários internacionalistas de pé junto aos heróicos mineiros assalariados de Huanuni!

Paremos o massacre do setor mais combativo da classe operária

Fora as forças de choque contra-revolucionários dos patrões, cooperativistas escravistas, mandados pelo governo de Evo Morales, seu ministro Villarroel e as multinacionais, para dividir e massacrar a classe operária! Fora o exército e a polícia que são cúmplices no massacre dos camponeses!

Enquanto os mineiros de Huanuni, com sua heróica luta, com piquetes e cortes de estradas, conseguiam 1500 postos de trabalho para os desempregados e camponeses sem terra, e lutavam pela nacionalização de todo o minério sob o controle operário; Moraes e seu ministro Villarroel organizaram e mandaram a força de choque contra-revolucionário junto com as cooperativistas para massacrar os operários em luta, com fez Goni em 2003 e fazem as bandas fascistas de Santa Cruz com os camponeses sem terra.

Desde os cerros, as bandas das forças de choque contra-revolucionárias do ministro de Morales, o empresário cooperativista Villarroel, tiram cobertas cheias de dinamite para que explodam nas casas dos mineiros e suas famílias. Ali as forças contra-revolucionárias se concentraram para tomar a mina estatal de Huanuni. A autodefesa dos mineiros não se fez esperar, e com seu sangue, defendem palmo a palmo a mina que conquistaram. Já há dezenas de mortos e feridos de ambos os lados. A rádio mineira tem sido censurada, como também as máquinas processadoras de estanho da mina.

Enquanto pactua e negocia o saque da Bolívia com as multinacionais e a burguesia fascista de Santa Cruz e na Constituinte, o governo de colaboração de classes de Evo Morales manda

massacrar os trabalhadores operários e camponeses que mantêm o grito de outubro de: "Fora Gringos! Nacionalização já! Trabalho e salário digno para todos!".

Abaixo o pacto do governo de Morales com a burguesia fascista da Media Luna da Constituinte fraudulenta expropriadora da revolução operária e camponesa, que não mede esforços para massacrar ao mais combativo da classe operária boliviana!

O que exigem em suas heróicas lutas os mineiros de Huanuni!

PELA NACIONALIZAÇÃO JÁ DE TODO O
MINÉRIO BOLIVIANO E DOS
HIDROCARBONETOS, SEM INDENIZAÇÃO E
SOBRE O CONTROLE OPERÁRIO PARA IMPOR
TRABALHO E SALÁRIOS DIGNOS PARA TODOS
OS DESEMPREGADOS!

Os trabalhadores das cooperativas que são explorados como escravos pelos patrões cooperativistas com jornada de 14 e 16 horas, devem unir-se aos seus irmãos de classe de Huanuni para recuperar seus empregos, suas conquistas perdidas e a COMIBOL para as mãos dos trabalhadores bolivianos.

Basta de direções colaboracionistas com o governo massacrador de operários na COB, na COR e o movimento camponês!

Bastam as palavras ocas de solidariedade que encobrem o pior isolamento em que tem

deixado as direções traidoras aos heróicos combatentes mineiros!

As bases operárias e camponesas anseiam por entrar na luta com seus irmãos de Huanuni. Porém, as direções colaboracionistas da COB e as COD que apoiam o governo burguês de colaboração de classes de Moraes molharam a pólvora e debilitaram ao extremo as organizações de luta das massas.

Coloquemos de novo em pé o Quartel General da Revolução!

IMPONHAMOS A GREVE GERAL NACIONAL JÁ

Contra as forças de choque contra-revolucionárias do governo de Evo Morales e a patronal, sócios das multinacionais. Contra as bandas fascistas armadas pela burguesia cruçenha que atacam em plena luz do dia os camponeses.

Fora da luta operária as mãos do exército e a polícia assassina! São os mesmos que assassinaram operários e camponeses sob as ordens de Goni nas jornadas de outubro, e que antes haviam entrado a massacrar nas minas de Banzer. O exército e a polícia se preparam para entrar em Huanuni uma vez que os 1500 cooperativistas armados por Villarroel tenham afastado os mineiros e tomado a mina.

Organizar e estender a todo movimento operário e camponês pobre os organismos de auto-defesa dos heróicos mineiros de Huanuni.

COLOQUEMOS EM PÉ AS MILÍCIAS OPERÁRIAS E CAMPONESAS!

Para afastar as forças de choque contra-revolucionárias de Villarroel, a patronal escravista e o governo de Morales, e as bandas fascistas da burguesia cruçenha à que não lhes toque um cabelo

e com as que pactuam e negociam o governo de colaboração de classe de Morales apoiado pelas direções traidoras.

A classe operária internacional e da América Latina em particular, que resiste contra as burguesias capachas das multinacionais e do Mercosul; que em Oaxaca com sua heróica comuna enfrenta o regime de fraude e o TLC mexicano, que no Chile enfrenta a repressão do governo da Orquestração de Bachelet e do TLC e ao regime cívico militar pinochetista. Aos trabalhadores e a juventude que combatem contra a guerra nos Estados Unidos; aos explorados que resistem no Oriente Médio contra as forças do Estado Sionista fascista de Israel e nas trincheiras da resistência iraquiana; definitivamente, toda a classe trabalhadora internacional deve todos juntos nos juntar aos heróicos operários e camponeses bolivianos para que triunfe sua luta que será um enorme ponto de apoio para a luta de classe a nível mundial.

Basta de fraude e engano da "Revolução Bolivariana" das burguesias capachas das transnacionais no saque e na rapinagem aos nossos países, sustentada pelas burocracias sindicais e as direções traidoras de toda pelagem agrupadas ao Fórum Social Mundial.

Para terminar com o saque, a rapinagem e a superexploração deve triunfar os heróicos operários bolivianos e por em pé a única revolução que de solução às necessidades das massas exploradas.

A REVOLUÇÃO OPERÁRIA E CAMPONESA A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES

06/10/06

Fração Leninista Trotskista (FLT)

Outubro Vermelho Internacionalista (ORI) da Bolívia – Partido operário Internacionalista (CI) do Chile – Liga Operária Internacionalistas (CI) – Democracia Operária da Argentina – Grupo de Operários Comunistas (CWG) de Nova Zelândia – Fração Trotskista (FT) do Brasil – Liga Trotskista Internacionalista (LTI) do Perú

RESOLUÇÃO 60/2006 IMPÕE TRABALHO AOS SÁBADOS

O governo do Estado de São Paulo através da Secretaria de Estado da Educação e desta resolução coloca para os professores que trabalham nas escolas que funcionam com três turnos diurnos a obrigatoriedade de trabalho aos sábados.

As escolas que funcionam nessas condições têm sua grade curricular reduzida, o que diminui o acesso ao conhecimento aos alunos, além de prejudicar o ensino-aprendizagem; os professores por sua vez também têm prejuízos em seus salários. Esses fatores são ocasionados devido a carga horária reduzida do curso (mínimo de 800h como manda a LDB/96). Segundo essa mesma lei os cursos diurnos devem ter no mínimo 1000h. Eis aí uma contradição; quando se trata de readequação do Estado visando reduzir gastos pode tudo, mas quando se trata de priorizar os interesses da classe trabalhadora, na maioria absoluta das vezes tem sido a punição em todos os sentidos.

O total descaso do governo do Estado em relação a escola e o ensino público que tem como meta a redução do número de escolas e não sua ampliação, o aumento do número de alunos por classe e não a sua diminuição, a escassez de recursos financeiros e materiais, as cobranças abusivas de taxas via APM (Associação de Pais e Mestres), a falta de funcionários, a perseguição e pressão constante aos trabalhadores em educação e etc., tem sobrecarregado esses profissionais no que se refere a obrigatoriedade da realização de uma série de tarefas que não são de sua competência, além da imposição da realização de inúmeros projetos/atividades pedagógicas sem sentido algum para os alunos, pois nenhum deles visa a melhoria da qualidade de ensino-aprendizagem e, além do mais restringe o acesso aos conteúdos; o governo e seus apêndices tem constantemente culpado os professores pelo fracasso escolar do aluno. O fato é que os professores anualmente em suas campanhas lutam contra a precarização da escola e do ensino público enquanto categoria isolada sem qualquer unidade com as comunidades escolares e demais trabalhadores.

O corporativismo sindical da burocracia e dos reformistas em geral não permite a construção da luta unitária, o que além de provocar ainda mais atraso no nível de consciência de classe retardam as conquistas que visam ajudar a melhorar as condições de trabalho e o ensino público.

O conteúdo dessa resolução tem caráter meramente fascista, se não vejamos: torna o trabalho obrigatório sem nenhuma discussão política com a

categoria nem com os pais e alunos; a obrigatoriedade é só para os trabalhadores em educação e não para os alunos de terem que assistir aulas aos sábados, mesmo porque todas as escolas funcionam aos finais de semana com o projeto enganador escola da família; menciona que o professor somente tem direito a descanso semanal aos domingos e, por fim abre caminho para tornar obrigatório aos profissionais das demais escolas, talvez mais adiante para ajudar a desenvolver o projeto escola da família.

Neste caso devemos lembrar que a hora relógio que consta na 836/97 ainda não foi revogada; e os professores na luta conseguiram adiar momentaneamente o cumprimento desta, pois continuam trabalhando no regime de hora aula de 50 min e 45 min, respectivamente no diurno e noturno. Com o avançar da política de cunho fascista do Estado, cedo ou tarde o governo do PSDB poderá estender aos demais como forma de fazer todos cumprirem cada minuto que falta.

Nesse sentido, para barrar qualquer ataque por parte do governo aos trabalhadores em educação, a escola e o ensino público a luta deve ser unitária de todo o conjunto dos trabalhadores que direto ou indiretamente dependem da escola pública.

Na atual conjuntura econômica e política mundial e nacional devido a crise estrutural do capitalismo de ataque aos direitos trabalhista e devido a fase superior do capitalismo-fase imperialista, não é mais possível manter e ampliar conquistas com a luta isolada por categoria. É necessário que, professores, funcionários, pais, alunos e demais trabalhadores se juntem numa só luta em defesa dos interesses de todos os trabalhadores e assim estaremos construindo uma só consciência de classe para ir eliminando aos poucos as ilusões que no capitalismo nossos problemas poderão ser resolvidos. Por isso, defendemos:

- A revogação da Lei 836/97 e por um novo plano de carreira conquistado na luta e que atenda os interesses de toda a comunidade escolar já!
- Pelo fim dos três turnos diurnos nessas escolas já!
- Pela construção de mais escolas já!
- Pelo fim da superlotação das escolas e das classes já!
- Que professores, funcionários, pais e alunos se juntem na defesa dos interesses coletivos dos trabalhadores numa luta constante e ininterrupta

por melhores condições de trabalho e ensino público!

UMA BREVE ANÁLISE DA TESE 1 DA ARTICULAÇÃO SINDICAL/PT

A atual diretoria majoritária da APEOESP (Articulação Sindical/PT e PC do B) que também dirige a CUT e junto com o governo Lula/PT controla os movimentos sindicais e sociais para retirar dos trabalhadores direitos trabalhistas conquistados, como foi com a reforma da previdência (continuidade da política de FHC) que cassou a aposentadoria por tempo de serviço e outras tantas que estão na ordem do dia como, por exemplo, a reforma sindical e trabalhista.

A tese 1 da Articulação Sindical/PT no que se refere a conjuntura mundial/internacional não coloca na ordem do dia o debate político sobre o funcionamento da economia capitalista e suas contradições que são inerentes ao próprio regime de exploração, ou seja, que o problema está somente centrado no poderio econômico e militar dos Estados Unidos e ao mesmo tempo deixa transparecer que em não havendo mais ofensiva militar norte-americano aos povos oprimidos, os governos de várias matizes e desses povos poderão aos poucos humanizar o capital, mesmo sabendo que a burguesia irá continuar no domínio e controle do seu sistema. Que do ponto de vista da tese 1 tanto é possível um imperialismo como um capitalismo mais humano e que a burguesia continue deixando que os governos

prolonguem seus projetos de socialização da miséria através da distribuição de migalhas.

Na conjuntura nacional como não poderia ser diferente em se tratando de Articulação Sindical/PT coloca-se totalmente em defesa do governo Lula e de sua política econômica de defesa dos interesses da burguesia imperialista e suas instituições, das reformas que ocorreram e vão ocorrer independente de quem esteja no governo central e do assistencialismo burguês; que os problemas que Lula vem enfrentando no seu governo para administrar o estado burguês e do governo é continuidade da política de FHC/PSDB que estagnou a economia capitalista do país; que ao contrário do que pensam o governo Lula não é uma continuidade do anterior; que o combate a corrupção desse governo pela polícia federal nunca foi feito por ninguém; mas ao mesmo tempo não toca na questão da corrupção tanto do próprio governo como do PT no que se refere a aprovação das reformas imperialistas.

Na conjuntura estadual se contrapõe a política do PSDB devido a "oposição" que este faz ao governo Lula/PT; que o governo estadual não resolve o problema da violência, da educação, saúde e habitação e, sim aplica a política de redução do Estado (Estado Mínimo).

APEOESP ADEQUADA A REFORMA SINDICAL FASCISTA DO GOVERNO LULA/PT E A BURGUESIA IMPERIALISTA

UM PENSAMENTO REFORMISTA E PEQUENO-BURGUÊS

Há aqueles que dizem que o capitalismo não se encontra em crise; esses mesmos ao afirmar esse absurdo acabam passando para o conjunto dos trabalhadores que mesmo no capitalismo, governos de frentes populares como o de Lula/PT no Brasil e agora na Bolívia como o de Evo Morales "poderão melhorar" as condições de vida dos trabalhadores. Também há aqueles que se solidarizam e defendem o governo nacionalista burguês e "antiimperialista" de Hugo Chaves na Venezuela.

Esse pensamento reacionário reflete as mesmas posições ideológicas da mesma classe que detem os meios de produção – a classe dominante.

Quando os sociais democratas votaram os créditos de guerra para o imperialismo destruir forças

produtivas, anexar territórios e riquezas na 1ª guerra mundial, estavam pensando assim; quando Stalin e seus aliados sociais democratas traíram a revolução russa e os objetivos da 3ª Internacional Comunista de Lênin e Trotski, desenvolvendo toda uma teoria ideológica de socialismo em um só país, além de perseguir até a morte todos aqueles que defendiam as teses da revolução permanente, estavam pensando assim; quando os renegados do trotskismo se utilizam da política reformista e conciliadora, da disputa aparelhista e do eleitoralismo burguês como estratégia e não como tática eleitoral, estão pensando assim.

A união de todos esses nos levam a afirmar aquilo que Trotski escreveu no Programa de

Transição: que a crise da humanidade se resume na crise de direção do proletariado.

Os marxistas analisam a situação econômica e política mundial de conjunto, levando em conta, é lógico, as particularidades nacionais e não simplesmente uma análise que somente se prende as questões desse ou daquele governo desse ou daquele país. Os trabalhadores necessitam entender e compreender toda origem dos problemas que os afligem. Se assim for, haverá com certeza evolução no nível de consciência de classe e a fusão teoria e prática ocorrerá, caso contrário vamos continuar onde estamos.

O CONTROLE DA VANGUARDA REVOLUCIONÁRIA E DOS ORGANISMOS DE LUTA DA CLASSE EXPLORADA

A burguesia sobrevive em meio a barbárie, tem clareza que o seu sistema decadente está em crise e que este cedo ou tarde tem seus dias contados.

A classe dominante tem constantemente se utilizado de seus gerentes, os governos, para em troca do assistencialismo impor as reformas imperialistas à classe proletária que sem exceção visam retirar e aos poucos ir acabando com os direitos trabalhistas da classe trabalhadora e explorada no mundo todo.

É por isso que tratou de atrelar as organizações operárias através de leis ao seu estado burguês; tratou de forjar as burocracias nas organizações operárias através de leis e compra, implantando inclusive a sua política reformista burguesa e a ideologia da democracia formal; criou suas próprias organizações imitando as nossas, para se centralizar e se contrapor ainda mais aos interesses históricos da classe explorada.

O maior exemplo de tal crise capitalista e de prolongar o seu desespero de sobrevivência em meio a barbárie e o ataque fulminante do proletariado mundial com sua vanguarda marxista revolucionária a

É a vanguarda marxista inserida no seio do proletariado e nas suas lutas que deve ter esse papel, o de trabalhar a consciência de classe de todos os explorados, mostrando que todos os nossos problemas começam com o capitalismo e terminam com o fim deste. Por isso devemos travar uma luta incansável para destruir a dominação do capital e da burguesia como classe dominante, sempre na perspectiva de uma sociedade sem classes sociais e sem exploração do homem pelo homem – com o socialismo como transição para esta.

sua frente é que a burguesia imperialista vem se precavendo de tal modo que a exemplo de Brasil exige que o governo Lula/PT ou outro qualquer que possa vir implemente juntamente e de mãos dadas com patrões e burocracia sindical a reforma sindical e trabalhista.

A reforma sindical tem cunho meramente fascista porque se propõe ao controle direto pelo estado burguês das organizações operárias e de seus organismos de base – as assembleias, comandos de base e etc. Atrelando ainda mais esses organismos aos estado burguês, tirando o poder de decisão das assembleias das categorias dos explorados, centralizando as decisões na cúpula montada no Fórum Nacional do Trabalho (governo, patrões e burocratas sindicais), os trabalhadores ficarão de “mãos amarradas” sem poder decidir sobre seus interesses.

- Abaixo a reforma sindical fascista e trabalhista do governo Lula/PT!
- Pela independência dos organismos de classe dos explorados frente aos governos e patrões!

ONDE A DIREÇÃO MAJORITÁRIA DA APEOESP ENTRA NISSO?

Há anos na Apeoesp a Articulação Sindical/PT vem tentando substituir a soberania das assembleias gerais pelos fóruns internos e burocráticos da entidade e, nesse sentido vem conseguindo, inclusive com a ajuda de setores reformistas do PSOL e PSTU e suas variantes que se colocam no campo de oposição mas que se negam a trabalharem com um programa que vise os interesses coletivos dos trabalhadores em educação e da comunidade escolar. Essa política reformista,

eleitoreira e aparelhista só têm contribuído para fortalecer o governo a continuar com seus ataques a escola pública e aos profissionais da educação, além de ajudar a manter o encastelamento dos dirigentes petista na Apeoesp que ao promoverem sua política de conciliação de classe com governos e patrões freiam a luta direta dos professores pelas suas reivindicações.

Neste ano de 2006 tivemos a prova cabal do que acabamos de citar, pois não tivemos

praticamente assembléias e as que tivemos foram esvaziando-se uma após outra, devido o conteúdo de discussão ter cunho voltado para as eleições parlamentares, cujo campo foi propício tanto para o PT, PC do B (direção majoritária) como para o PSOL e PSTU, ambos envolvido nesse processo falso e fraudulento; enquanto isso a luta pela nossa campanha salarial, o novo plano de carreira e a defesa da escola pública vão ficando para o segundo plano.

Neste ano (6,7 e 8 de dezembro de 2006) terá congresso, vejam o que a tese 1 da Articulação Sindical/PT está propondo para a categoria. Se isto não tem haver com a reforma sindical e trabalhista do governo Lula/PT. Vejam agora as medidas que se forem aprovadas neste congresso, a categoria dos professores ficará completamente desmobilizada, sem poder de decisão e a mercê dessa burocracia, corrupta, aparelhista e governista. No congresso anterior já queriam acabar com a proporcionalidade direta e qualificada e como as medidas podem ser aprovadas, esta pode ficar em segundo plano, pois a proporcionalidade na Apeoesp não foi implantada sob a égide da democracia operária e sim, para efeitos de composição de cargos burocráticos. Nesse ponto, PSOL e PSTU estão de acordo, pois todos eles estão no mesmo campo político.

COMO E PARA QUE CONSTRUIR UMA DIREÇÃO REVOLUCIONÁRIA?

A Oposição Reconstruir, integrante da Oposição Revolucionária na Apeoesp se propõe a construir essa direção, a partir do momento em que sua atuação no interior da categoria dos professores, dos trabalhadores em geral e dos estudantes coloca em prática um programa que tem como objetivos e metas trabalhar as contradições do capitalismo e organizar os trabalhadores de modo geral para que através da luta direta leve-os a trabalhar para manter e ampliar suas conquistas. Como princípio e para atuarmos em conjunto defendemos o marxismo revolucionário e o exercício da democracia operária. Temos clareza que o programa para atuar no sindicato não pode ser fechado por se considerar um organismo de frente única de luta pelas reivindicações imediatas. Por isso, defendemos:

- Que os congressos da Apeoesp sejam realizados anualmente e sua soberania seja somente enquanto durar; que tudo o que for aprovado nesses congressos e as pendências terão obrigatoriamente que passar pelo crivo da 1ª assembléia geral logo após a sua realização;

Pois bem, as outras medidas são as seguintes: realização de congressos, de eleição para diretoria e conferência educacional a cada a cada três anos, nessa ordem; que a partir deste congresso se aprovado, os professores terão que se credenciarem previamente para participar das assembléias, se é que vai haver alguma algum dia; que irá diminuir se aprovado, o número de participantes nos congressos; hoje é tirado um delegado para cada 50 sócios na região e agora estão propondo um para cada 70 sócios. Dentre essas e outras medidas que estão propondo e se forem aprovadas, teremos de acordo com a reforma sindical um sindicato que irá atuar por representação.

Pelo que acabamos de apresentar chegamos a conclusão de que os trabalhadores estão diante de dois problemas, quais sejam: que todos os nossos problemas tem origem nas contradições do capitalismo e que não há humanização deste como muitos defendem; além disso, está demonstrado a muito tempo que os trabalhadores não tem direção revolucionária para barrar tais ataques.

- Abaixo a burocracia sindical na Apeoesp!
- Pela construção dos comandos de base e de negociação na Apeoesp e junto com todas as categorias de trabalhadores!
- Pela soberania das assembléias unitárias na Apeoesp!

- Que para a participação no congresso anual, os delegados deverão ser eleitos na proporção de um para cada dez professores na escola sem passar pelo crivo estatutário nem pela conferência regional, mas que todos os delegados eleitos deverão ser sócios do sindicato; as conferências deverão acontecer normalmente e abertas a todos, inclusive aos pais e aos alunos;
- Que as assembléias gerais sejam soberanas, ou seja, os fóruns internos da entidade nem a direção têm poder de decisão e sim de encaminhar;
- Que defendemos a proporcionalidade direta como forma de exercício e atuação no campo da democracia operária;
- Que para romper com o corporativismo sindical defendemos as assembléias unitárias (professores, pais, alunos e funcionários) e com poder de decisão.

CAPITALISMO “DEMOCRACIA” VIVE, NECESSITA E QUER GUERRA.

A análise histórica dos mecanismos de funcionamento do capitalismo permite explicar a natureza das guerras e mostra a verdadeira face deste regime estabelecido e sua “democracia”.

A concentração de capital, que se dá paralelamente ao aumento da miséria e diminuição do mercado de consumo, levou o capitalismo à crise de superprodução, originando, em primeiro lugar, as disputas comerciais e as guerras bélicas, em segundo.

As guerras sempre foram uma necessidade vital do capitalismo e há sempre um pretexto para tal. Em geral, as guerras de rapina são justificadas como forma de combate ao terrorismo e em defesa da democracia. Este argumento têm sido persistentemente usado pelos governos dos Estados Unidos e de Israel. Podemos mesmo dizer que as guerras são necessárias ao capitalismo por dois principais motivos. Um deles é que não se faz guerra sem armas e a grande indústria armamentista precisa vender o que produz (para conter a crise de superprodução). O outro diz respeito à conquista de novos mercados, pois há a necessidade cada vez maior de desova de mercadorias nas regiões conquistadas e/ou ocupadas. Os exemplos disso são muitos: a guerra do Afeganistão, a do Iraque em 1991 e de novo em 2002 (esta última com a queda de Sadam Hussein) e recentemente, a guerra do Líbano, todas elas comandadas pelos EUA.

Existe ainda um outro motivo que leva às guerras imperialistas: a conquista de matérias-primas, reservas naturais e fontes energéticas, como o petróleo. Nenhum país chegou ao status de grande potência ao longo da história sem fazer guerras. Antes da 1ª Guerra Mundial era a Inglaterra, França, etc; depois desse período (1914-1918), os Estados Unidos começam a despontar como grande potência econômica e militar, posição que se consolidou definitivamente após a Segunda Grande Guerra (1939-1945) e tem se mantido até os dias atuais.

Mas nesse cenário, os EUA (com a Inglaterra como aliada) não estão sozinhos. Há a disputa interna entre os imperialistas por controle de mercados, posse de matérias-primas, petróleo etc. As reservas de petróleo de muitos países imperialistas estão no fim, com os Estados Unidos na dianteira. As disputas capitalistas se intensificam ainda mais pelo

domínio das reservas de petróleo, como nas recentes guerras do Oriente Médio. A França, Alemanha, Itália despontam como forte bloco de oposição à “Casa Branca”. Não é por acaso que se formou a União Européia, o que veio a polarizar as disputas comerciais entre esses blocos de países. Os blocos econômico-comerciais são também uma necessidade do capitalismo.

As guerras imperialistas seguem uma lógica específica: primeiro destroem, para depois reconstruir. *Sem esquecermos que jogam bombas e depois “ajuda humanitária”*. Eis a questão chave. De um lado, a destruição das forças produtivas dos países oprimidos (pessoas e infra-estrutura) deixa satisfeita a grande burguesia imperialista, com seus lucros gigantescos; de outro, segue a disputa para repartir o “bolo”, que significa nada menos que a reconstrução do que foi colocado abaixo. É aí que entram os grandes conglomerados burgueses, ou melhor, os consórcios formados por empresas que se encarregam de instaurar de vez a exploração capitalista. Tais empresas se aproveitam do desemprego, da miséria e violência em que se encontram esses países para elevar seus lucros, utilizando-se de mão-de-obra barata e abundante. E a burguesia assim faz a propaganda de que a democracia venceu o terror. Mas na verdade só aprofundaram a barbárie capitalista com o aumento exploração.

Esta dualidade “construir-reconstruir” é uma característica marcante das guerras de rapina imperialistas. Tem sido assim no Afeganistão, Iraque e Líbano. Mas não tem sido nada fácil ao imperialismo manter a paz nessas nações. Todos os dias enfrentam milícias armadas de cunho teocrático-nacionalista. Mas a resistência dessas burguesias nacionais nada tem a ver com a defesa da maioria absoluta dos oprimidos; defendem apenas seus interesses também capitalistas. Enfim, acabam cedendo de um jeito ou outro à democracia formal. Apesar disso, toda forma de resistência ao imperialismo e capitalismo deve servir para que o proletariado revolucionário imponha derrotas ao sistema capitalista e sua dominação.

No Líbano, por exemplo, após a desocupação pelo Exército de Israel, entra em cena a ONU(Organização das Nações Unidas), um

organismo imperialista, que se encarrega de legitimar e coordenar a exploração naquele país. A ONU, pela intervenção militar de seus integrantes (EUA, França, Itália, Rússia, China, etc.) prepara o terreno para a reconstrução dos países destroçados pelas guerras. Na essência, a reconstrução de países como o Iraque e o Líbano significa moldar governos democráticos, dóceis às metas do imperialismo (via democracia formal, eleição, voto, etc, como já ocorreu no Iraque e que se encontra em permanente resistência das massas).

De novo, os EUA são os grandes vitoriosos e saem da guerra com destaque e liderança. Hoje, o sistema capitalista está em uma crise monstruosa e os EUA, como a maior economia do planeta não consegue mostrar vigor, ao contrário, o desemprego e a recessão estão presentes na maioria dos países imperialistas. As reservas de Petróleo destes países estão no fim, a exemplo dos Estados Unidos. Este último, tenta repetir os avanços econômicos e políticos conseguidos através das grandes guerras. Já na questão do petróleo, as grandes empresas estão divididas e geram disputas entre as potências capitalistas, como: França, Alemanha, EUA, Inglaterra e mesmo a China.

Após a guerra do Iraque em 1991, com o bloqueio econômico imposto pelos EUA, a Alemanha, França e a própria China se aproximam do Petróleo do Iraque. Com esta aproximação passou a ocorrer dois outros problemas. Primeiro, a disputa do Petróleo em si e em segundo, a aproximação de um outro país, também estratégico na região, que é o Irã. Vale dizer que os EUA produzem apenas 40% do Petróleo que consomem e mesmo assim as reservas estão no fim. Hoje, os monopólios que financiam o Estado americano, detêm controle total sobre o Iraque e através da força da guerra negociam em melhor situação com Alemanha e França o controle e exploração do petróleo.

Diante desta conjuntura internacional, os EUA avançam no sentido da dominação militar, demonstrando sinais de contradições e de interesses entre as nações imperialistas. No geral, a fome, miséria, fascismo e as guerras imperialistas são o que vislumbra no futuro próximo no mundo capitalista.

Derrubar Sadam Hussein foi parte de uma ampla ação para gerar novos negócios para a indústria americana e para estabilizar o Oriente Médio através de governos favoráveis aos interesses econômicos dos EUA.

Deflagrou a guerra contra o Afeganistão e contra o Iraque; ameaçou e ameaça constantemente seus opositores no mundo. Dá sustentação política e financeira a interminável ofensiva do estado de Israel

contra a palestina. Israel, que foi criado artificialmente como instrumento estratégico - militar e geográfico de controle e expansão capitalista americana é responsável pela expulsão de milhões de palestinos de suas terras, além de manter os que ainda resistem cercados e sob ameaça constante das suas forças armadas. Desta forma, os EUA vão tentando se consolidar na região apesar da heróica resistência dos povos Árabes e Mulçumanos.

Na América Latina, os EUA promoveram e continuam a auxiliar o governo da Colômbia com ações militares de toda ordem, principalmente as de caráter mercenárias/paramilitares, de olho nas fontes de matérias-primas, contra as organizações do povo colombiano como forma de implantar o terrorismo, assegurando o tráfico de drogas pelas autoridades oficiais, retomando o controle do território das FARC's e outras organizações revolucionárias. Assim como no Iraque foi utilizada a falácia da luta contra o terror para justificar a invasão armada, na Colômbia é utilizada a questão do terror e das drogas. Neste último caso, é bom lembrar que na cadeia da indústria das drogas (refino) encontram-se grandes monopólios industriais norte americanos e que paramilitares apoiados pelos EUA controlam esse comércio (**Auto defesa Unidas da Colômbia - AUC**).

Também é parte da ofensiva imperialista a pressão para a implementação da ALCA com o que pretendem não só conquistar novos mercados para os grupos norte-americanos, como também, estabelecer um maior controle sobre a América Latina, inclusive militar.

É tarefa de primeira necessidade, termos clareza da política imperialista e suas guerras. Para os imperialistas o que interessa são os saques, anexações, controlar mercados e nações (introduzir colônias), tudo isto às custas do sangue dos trabalhadores que morreram e morrerão nas guerras. Devemos ser contra as guerras imperialistas, assim como lutar para por fim a elas, o que para isto, teremos que organizar a Revolução Proletária internacionalista, instalar a Ditadura do Proletariado (Socialismo) e marcharmos para por abaixo o regime capitalista no mundo.

A crise de superprodução capitalista e estreitamento de mercado faz com que o controle das reservas e mercados de países e regiões inteiras passe a ser necessidade vital para os monopólios mundiais, resultando numa escalada de intervenções militares e carnificinas nos países oprimidos. Essas escaladas de disputas e intervenções armadas não cessarão enquanto não for destruído o superado capitalismo que agoniza e empurra a humanidade para a barbárie. Ao contrário, projeta-se novas, mais

intensa e generalizada carnificina apontando para o 3º conflito mundial. Esse fato se explica porque o Oriente Médio, há vários anos, está transformado em palco das principais carnificinas do imperialismo, que tendem se expandir internamente e para os demais países de outros continentes.

Portanto, nossa luta é para transformar a base material de exploração, que gera ganância, fome e miséria, ou seja, acabar com a propriedade privada dos meios de produção, coletivizando-a; transformar a cultura, as idéias em geral, libertando o ser humano da ganância e cobiça, colocando em harmonia com a natureza uma sociedade comunista, sem necessidade de estado para oprimir, uma vez que, não existirá mais divisão de classes social e tão pouco a exploração do homem pelo homem.

VOTAR NULO CONTRA O CIRCO ELEITORAL! IMPULSIONAR A LUTA DIRETA POR EMPREGO, SALÁRIO, HABITAÇÃO, SAÚDE. EDUCAÇÃO E TERRA!

O voto não muda nada! Se você é um jovem, já deve ter percebido que este campo do voto é minado. O TSE (Tribunal Superior Eleitoral) faz uma desesperadora campanha para os “cidadãos” não anularem o voto. Enganam todos prometendo mudanças e melhoria de vida. Isso é mais uma farsa, como todo processo eleitoral. Quem determina quem vai e quem sai é o poder econômico, através dos meios de comunicação.

Estes patrões só vão ser derrubados com muita organização dos trabalhadores, nunca pelo voto. O voto, isto sim, garante um rodízio entre eles. Saímos da ditadura militar, mas a ditadura do capital, garantida pelo voto, está aí representada nos altos índices de desemprego ou nos PDVs (Plano de Demissão Voluntária), empurrada aos trabalhadores, como aconteceu nestes últimos dias, aos empregados da Volkswagen do Brasil. Os empregados, sob a orientação dos cutistas, petistas e lulistas do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, foram pressionados a votar no desemprego deles mesmos. O poder econômico do Estado faz parceria com poder econômico das multinacionais para demitir seres humanos que vão ser substituídos por robôs e computadores. Por isso, o TSE mente.

Você que vota há muitos anos, que teve retirada de conquistas da sua previdência, você ouviu algum comentário de que FHC ou Lula mexeu na aposentadoria desses magistrados? Mexeu na aposentadoria dos militares? Mexeu na aposentadoria das filhas dos militares? Certamente, não! Estes ilustres senhores dirigem aquilo que o povo conhece como instituições burguesas. O Legislativo, o

Executivo e o Judiciário são instituições burguesas, porque são os ricos que mandam lá. Estas instituições estão a serviço dos empresários, dos latifundiários e dos banqueiros!

Refleta, o seu voto não vale como o do banqueiro, porque o voto do banqueiro se multiplica, quando ele apóia os candidatos que vão defender o seu interesse dentro das instituições burguesas, nos casos, o Parlamento. O voto do banqueiro se multiplica, porque injeta dinheiro chamado de caixa 2 para financiar suas ricas campanhas. Neste momento, o dinheiro dos impostos está financiando o governo Lula que compra votos através das políticas compensatórias, como o bolsa-família. Ao invés de investimento em emprego, dão esmolas. Tal como diz a música “Mas doutor uma esmola para o homem que é são, ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão”. Mas o voto não muda nada! Nem o voto nulo, se ficar só como um protesto, em época de eleição. É preciso que a gente, enquanto explorado, se organize de forma independente. Queremos ter o nosso partido. Sabemos da importância de fazer política. Mas precisamos fazer política para construir um partido revolucionário, capaz, um dia, de derrubar a ordem burguesa preservada pelo circo eleitoral, pela mentira de que o voto do assalariado vale igual o do patrão. Seria o mesmo acreditar que Lula não sabe de nada do que está acontecendo ao seu redor.

Grande parte dos mensaleiros serão reeleitos, porque quem determina é o poder econômico, o número de carros de som e cabos eleitorais que cada um põe na rua.

Quem manda, neste início de século XXI, no mundo todo? Quem invadiu o Afeganistão, o Iraque e ameaça invadir o Irã? Quem apóia o exército assassino de Israel, que mata centenas de palestinos diariamente na Cisjordânia e Faixa de Gaza? Quem? Ah, sim, George Bush e tudo o que representa: o Imperialismo. Então, estes governinhos tipo FHC, Lula, Chaves, Kirchner, Evo Morales só vão garantir empréstimos do Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional, se fizerem direitinho a lição de casa, ou seja, aplicar a política de miséria, arrocho, desemprego em cima dos trabalhadores desses países. Alguns desses governos atacam Bush e o Imperialismo, como é o caso Chaves, da Venezuela, mas cumpre na íntegra os compromissos firmados com o Banco Mundial e o FMI. Paga em dia os juros da dívida externa. Portanto, são governos que se submetem aos interesses imperialistas e que têm o compromisso de submeter os trabalhadores desses países. Às vezes, com esmolas para acalmar os mais atingidos pela desigualdade social, mas na maior parte das vezes o método para submeter é o da violência contra os trabalhadores, através da repressão, das polícias que batem nos camelôs ou nos grevistas quando lutam por melhores condições e trabalho.

Existem aqueles que falam em nome dos trabalhadores, como é o caso da CUT que se vendeu ao Lula ou da Força Sindical que sempre apoiou os tucanos. Estes traidores de plantão também submetem os trabalhadores aos interesses desses governos, quando apóiam as reformas (previdenciária, tributária, universitária, administrativa, trabalhista e sindical) que virão com muito mais força no 2º mandato de Lula, como se deu no 2º mandato de FHC. Reformas que vão retirar mais direitos dos trabalhadores.

As eleições também são para desviar a luta dos trabalhadores. O exemplo está na condução das campanhas salariais em curso – correios, metalúrgicos, bancários, professores. O calendário das lutas é substituído pelo calendário das eleições. Até mesmo os partidos que formam a “Frente de Esquerda”, PSOL de Heloísa Helena, PSTU e PCB, ao priorizar a eleição de seus candidatos, ajudam a desmobilizar as campanhas salariais. Foi o que aconteceu nas demissões da Volkswagen. Estes partidos centream, se omitiram, não ficaram ombro a ombro com os companheiros daquela empresa. Não por outro motivo, Heloísa Helena afirmou que, se eleita, vai cumprir a LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal).

A nossa luta diária pelo emprego, por educação e saúde, pelo transporte e pela moradia aponta para a necessidade de nossa organização independente dos governos e dos patrões. Temos condições de organizar um partido revolucionário para avançar na luta pelo Socialismo.

Comitê Nacional pelo voto nulo